

ESTUDO SOBRE A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NO CEMITÉRIO VERA CRUZ, PASSO FUNDO/RS¹

STUDY ON THE CONSERVATION OF HISTORICAL PATRIMONY AT VERA CRUZ CEMETERY, PASSO FUNDO/RS

ESTUDIO SOBRE LA CONSERVACIÓN DEL PATRIMONIO HISTÓRICO EN EL CEMENTERIO DE LA VERA CRUZ, PASSO FUNDO/RS

Ana Carolina Lorenzet Galvan²

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a preservação patrimonial e as intervenções no espaço cemiterial, tomando como campo de estudo o Cemitério Vera Cruz, de Passo Fundo/RS, compreendido como museu a céu aberto. Ao optar por um diálogo entre História, Arte e Patrimônio, foram catalogados túmulos e tipologias funerárias, tendo sido elencados os mais expressivos conforme critérios determinados no decorrer da pesquisa, a fim de contextualizar as representações simbólicas e alegóricas presentes no cemitério. Discute-se ainda as possibilidades de intervenção no espaço cemiterial, problematizando as ações de terceiros nos túmulos e a implicação destas no patrimônio funerário e em seu conjunto simbólico e representativo. Assim, percebe-se que a intervenção, se realizada em consonância com a pesquisa histórica, auxilia na preservação e valorização patrimonial.

Palavras-chave: Arte funerária. Cemitério Vera Cruz. Patrimônio

Abstract: This paper aims to discuss heritage preservation and interventions in the cemetery space, taking the Vera Cruz Cemetery, of Passo Fundo/RS, as a field of study, understanding the cemetery as an open-air museum. We opted for a dialogue between History, Art and Heritage, cataloging tombs and funerary typologies. We catalog the most expressive ones according to criteria determined during the research, to contextualize the symbolic and allegorical representations present in the cemetery. We also discussed the possibilities of intervention in the cemetery space, problematizing the actions of third parties in the tombs and their implication in the funerary heritage and its symbolic and representative set. Thus, it is clear that the intervention, if carried out in line with historical research, helps to preserve and enhance patrimony.

Keywords: Funerary Art. Vera Cruz Cemetery. Patrimony.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo discutir la preservación del patrimonio y las intervenciones en el espacio del cementerio, tomando el Cementerio de la Vera Cruz, de Passo Fundo / RS, como campo de estudio, entendiendo el cementerio como un museo al aire libre. Al optar por un diálogo entre Historia, Arte y Patrimonio, se enumeraron tumbas y tipologías funerarias, enumerándose las más expresivas según criterios determinados durante la investigación, con el fin de contextualizar las representaciones simbólicas y alegóricas

presentes en el cementerio. También se discuten las posibilidades de intervención en el espacio del cementerio, problematizando las acciones de terceros en las tumbas y su implicación en el patrimonio funerario y en su conjunto simbólico y representativo. Por tanto, está claro que la intervención, si se lleva a cabo en línea con la investigación histórica, ayuda a preservar y valorar el patrimonio.

Palabras clave: Arte funerario. Cementerio de la Vera Cruz. Patrimonio.

Introdução

No Brasil, durante muito tempo, o processo mortuário caracterizou-se pelo ideal de bem morrer, consistindo em “uma morte marcada por uma extraordinária mobilização ritual, coerente com um catolicismo que enfatizava as manifestações exteriores de religiosidade: a pompa, as procissões festivas, a decoração elaborada dos templos” (REIS, 1991, p. 91). Em conformidade com a expansão do discurso higienista e do projeto cemiterial crescente na Europa no século XIX, os mortos saem das Igrejas para os cemitérios murados. Nesse sentido, “da segunda metade do século XIX em diante, torna-se difícil pensar em uma cidade em que não exista espaço para sepultar os mortos” (CARVALHO, 2015, p. 35).

Em Passo Fundo, o primeiro cemitério localizava-se ao lado da Capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Este era o destino dos restos mortais dos católicos passo-fundenses, que funcionou como cemitério até o início do século passado, coexistindo, desde 1840, com um espaço dedicado aos não católicos que chegavam à região (ZANOTTO, 2015). Entretanto, devido às medidas sanitárias decorrentes da urbanização, exponenciada pela chegada da Viação Férrea a Passo Fundo, em 1898, os ossuários foram realocados. Este “processo de desenvolvimento gerado pela ferrovia na cidade de Passo Fundo e também nas demais cidades da região, apesar de restrito e limitado, alterou a paisagem da cidade e seu desenvolvimento” (WICKERT, 2011, p. 64), alterando também a localização dos Cemitérios. Inaugurou-se, então, em 01 de janeiro de 1902, “com os translados dos restos mortais do cemitério da rua Independência e do cemitério protestante” (FERREIRA; SIQUEIRA, 1998, p. 78), o Cemitério Municipal Vera Cruz.

No início do século XX o cemitério era um dos locais mais visitados de uma cidade, oferecendo “a toda a comunidade a oportunidade de contato com um tipo de obra vinculada a um ideário estético determinado, e este servia de modelo e de orientação para a formação do gosto estético da população” (BORGES, 2002b, p. 7), influenciando diversos aspectos da sociedade. O estudo do espaço cemiterial se justifica também pela compreensão de lugar de memória que assume. Conforme Catroga, os ritos em torno da morte têm a tarefa de “gerar

coerência e perpetuar o sentimento de pertença e de continuidade, num protesto, de fundo metafísico, contra a finitude da existência, ou melhor, contra o esquecimento” (2015, p. 30). Ainda ressalta-se que “a conservação da memória dos mortos é um dos fatores de identidade e de coesão das famílias, das tribos e das comunidades” (BELLOMO, 2008, pg. 13), sendo necessário que essa memória encontre seu espaço. Compreende-se, então, o espaço cemiterial no âmbito social e sua constituição como patrimônio. Nas palavras de Françoise Choay, “esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” (2006, pg. 11). O patrimônio exerce o papel de “conferir um senso de continuidade aos grupos que promoveram seu tombamento, cristalizar uma memória, coletiva ou individual, muitas vezes com o objetivo de afirmar algo [...] no presente ou lançar um olhar para o futuro” (KNACK, 2011, pg. 16).

A partir de 2014, um esforço conjunto de ações visando a preservação do patrimônio cemiterial entre o Arquivo Histórico Regional e o Instituto Histórico de Passo Fundo resultou na formulação de um Guia de Visitação do Cemitério Vera Cruz, no qual se sugerem duas rotas de visitação, abarcando 43 pontos (CARVALHO; GASPAR, 2017).

O Projeto Momento Patrimônio também abordou temas relacionados ao Cemitério Vera Cruz. Mais profundamente, o Projeto Museu a Céu Aberto dedica-se exclusivamente ao espaço estudado por este trabalho, promovendo visitas guiadas, pesquisa e divulgação do espaço cemiterial. O cemitério Vera Cruz foi contemplado com uma relevante produção intitulada *A morte não é o fim: culturas e identidades no cemitério Vera Cruz*. O livro é organizado pelos pesquisadores Gizele Zanotto e Fernando Miranda, por meio do Projeto Museu a Céu Aberto, reunindo uma série de artigos que apresentam possibilidades de pesquisa no cemitério.

Desse modo, o estudo do Cemitério Vera Cruz encontra espaço em uma lacuna historiográfica – que aos poucos vem sendo preenchida, como viu-se acima –, designadamente no que diz respeito à sua cultura material, uma vez que a falta de estudo, e o “desaparecimento de monumentos funerários”, como destacou Carvalho, em sua tese sobre os Cemitérios São José I e II, “tem como consequência, em boa medida, cidades amnésicas, onde a população desconhece seus antepassados e seu direito patrimonial” (2015, p. 41). Junto a isso, encontra-se intervenção contemporânea em espaços de enterro, que no caso do cemitério Vera Cruz modifica tanto a organização cemiterial como sua estatuária e conjunto tumular. De tal modo,

buscaremos problematizar o questionamento sobre a manutenção do patrimônio do Cemitério Vera Cruz, compreendendo sua respectiva estatuária tumular, do início do século XX.

O artigo encontra-se dividido em duas seções. A primeira trata da arte funerária em âmbitos gerais, a fins de contextualização. Apontam-se também os critérios que levaram à escolha dos túmulos analisados. Em seguida, apresenta-se um breve histórico do Cemitério e, por fim, o tema central que gerou o interesse pela pesquisa, isto é, as intervenções no conjunto tumular do Cemitério Vera Cruz.

Arte funerária em evidência

Desde a pré-história, parece haver uma ligação entre representação estética funerária de um grupo com suas respectivas crenças e com a preocupação do destino do corpo e alma após a “passagem”. Conforme Bellomo, as expressões artísticas funerárias “são tão antigas como a própria arte” (2008c, p. 39), sendo possível aferir que a representação da morte e do morto assume importante função na sociedade em que se insere, no que tange à memória e à identificação, bem como a necessidade de garantir a paz do finado em uma suposta vida no além.

O simbolismo da morte é alterado com o cristianismo e a importância da arte funerária é atenuada na cristandade, principalmente no período medieval. Entretanto, uma vez que os cemitérios passam a existir extramuros, isto é, fora dos muros das igrejas, a arte funerária ressurgue com maior intensidade, no papel de demonstrar a importância de um indivíduo e construir um discurso sobre sua história pessoal. Soma-se a isso os novos ideais antropocêntricos e a racionalização da sociedade, na qual a crença na morte começou a ser substituída, como escreve Motta (2010), pela “imortalidade subjetiva”, isto é, o túmulo e o cemitério passam a ser vistos como lugares que encerram a memória do ser, de certa forma imortal. A partir do momento em que a morte do outro passa a ser mais sentida que a morte de si, a preocupação em relegar ao defunto um papel social de destaque se torna mais presente. São essas as noções que servirão de base para a configuração dos cemitérios do século XIX e início do XX. Os lugares de destaque estavam reservados às pessoas de destaque. E quanto mais importante era o defunto, mais ornamentado e bem posicionado o túmulo.

Para Borges e Carneiro, no processo de modernização que permeava a sociedade brasileira quando ocorrem os movimentos de secularização, “o cemitério se preservou como

um espaço devocional, um espaço para a expressão de uma arquitetura sacra e de uma arte religiosa que se desdobrou em níveis diferentes de elaboração técnica e material" (2017, p. 153).

Com as transformações nas cidades e novos padrões morais

os ritos fúnebres, compreendendo os velórios, os enterros e os cortejos, a depender de cada caso, passavam não apenas a fazer parte de sequências rituais fundamentais para elaboração do luto, como também constituíam indicativos importantes para a definição do grau de prestígio do morto e, por extensão, das relações sociais, políticas e econômicas de sua parentela (MOTTA, 2010, p. 72).

A possível existência de uma área nobre dentro dos cemitérios reflete a autoafirmação da elite sobre a sociedade, a fim de reafirmar a hierarquia social (CARNEIRO, 2010). Interessante notar que, contrariamente à aristocracia sul-rio-grandense, classe dominante do período anterior, “a burguesia nascente ou em expansão precisava reafirmar sua nova condição de elite dirigente, marcando sua passagem por meio de monumentos que perpetuavam seus nomes” (BELLOMO, 2008b, p. 27), o que se reflete também no espaço cemiterial. Assim, dentro do necrópole, diversos conjuntos simbólicos se apresentam, cada qual com seus objetivos e seus discursos.

Ao percorrer as ruas do cemitério Vera Cruz, não surpreende perceber a profusão de túmulos com estatuária ou relevos de temas cristãos. Ao mesmo tempo, também é grande a quantidade de estatuária alegórica profana.

A tipologia cristã geralmente apresenta imagens de santos, de anjos, de Cristo e de Maria. As representações cristãs, em grande parte, “seguem os padrões da arte neoclássica” (BELLOMO, 2008, p. 16), e considera-se que há momentos mais favoráveis para representar Cristo, como o momento do nascimento, de pregação, de morte, de ressurreição e de ascensão. Além das imagens de Cristo, muitos anjos figuram nos túmulos observados no Cemitério Vera Cruz. Os anjos exercem “o ofício de mensageiro entre Deus e os homens, daí merecer uma atenção especial na estrutura figurativa do cemitério” (BORGES, 2002, p. 182).

A tipologia alegórica profana apresenta-se nos moldes do classicismo, o qual tem “uma tendência a fazer a apoteose de um indivíduo cuja perfeição não é apenas ética” (BELLOMO, 2008, p. 18). Também aparece em alguns túmulos da elite passofundense, tendo sido um meio vinculado “à representação social e política, mais do que ao caráter religioso” (BORGES, 2002, p. 195) que permitiu aos escultores funerários explorarem novas possibilidades quando da secularização dos cemitérios, dissociando o túmulo da igreja. São, em geral, figuras femininas que representam um conceito ou ideia, ou personalizam emoções e sentimentos, como dor, consolação, desolação, esperança, mas também relacionam-se com a política, como a alegoria

da República, da Pátria, da Navegação, entre outras. Estão presentes em maior profusão no Cemitério Vera Cruz alegorias da tristeza, da saudade e desolação.

O Cemitério Vera Cruz apresenta, ainda, um vasto conjunto simbólico, perpassando desde símbolos cristãos a elementos vinculados com a maçonaria, sendo os símbolos que mais figuram no cemitério a cruz³, o ramo de palma⁴ e as flores⁵.

Para analisar os túmulos e as intervenções neles incididas, elaborou-se um breve mapeamento apontando a ocorrência de estatuária ou conjunto simbólico relevante, cujos critérios foram: a) papel social do indivíduo/relevância na comunidade passofundense; b) presença de estatuária nos moldes de tipologia apresentados por Bellomo, Borges e Ahlert⁶; c) possibilidade de análise simbólica; d) situação de conservação do túmulo; e) interferências de terceiros no túmulo. Seguindo estes critérios, elencou-se um conjunto de túmulos que auxiliaram na problematização da conservação do patrimônio cemiterial do espaço do Cemitério Vera Cruz.

Intervenções em monumentos funerários no Cemitério Vera Cruz

Antes da inauguração do Cemitério Vera Cruz, os mortos passo-fundenses dividiam-se entre dois espaços. O primeiro cemitério da cidade, ao lado da Capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida (construída entre 1834 e 1835), era destino dos restos mortais dos católicos e funcionou como cemitério até o início do século XX. O segundo espaço era dedicado aos não católicos que chegavam à região, tendo sido fundado em 1840. Esse “espaço de enterro – também chamado cemitério luterano – foi organizado por Johann Adam Schell, imigrante germânico, e se localizava na área de atual Praça Fredolino Chimango, em frente ao Quartel” (ZANOTTO, 2015, pg. 35).

Os cemitérios da cidade ficavam afastados do aglomerado urbano, uma vez que até a década de 1850 o futuro município se caracterizava como uma pequena vila. Com a chegada de imigrantes, as atividades econômicas, antes relacionadas ao processo de produção e exportação de erva-mate e outros produtos agrícolas, modificam-se. Essa modificação voltada ao comércio impulsiona a chegada da Viação Férrea a Passo Fundo, em 1898 (KNACK, 2018). A concentração urbana, antes localizada no Bairro Boqueirão, passa a rodear a ferrovia. O novo modo de vida urbana “promovido pela passagem do trem não condizia com a paz que um cemitério exige” (KNACK, 2018, p. 57), fazendo surgir a necessidade de realocar os ossuários.

Inaugura-se, então, em 01 de janeiro de 1902, o objeto de estudo deste trabalho, o Cemitério Vera Cruz. Em que pese o traslado do antigo cemitério tenha iniciado no ano de inauguração do Vera Cruz, o procedimento se deu até 1910. Com a mudança de local, a “representação de questões sociais e econômicas que permeava a sociedade passo-fundense no momento” (KNACK, 2018, p. 60) se fazem entender a partir da estrutura interna, uma vez que o novo cemitério apresenta túmulos ornamentados e organizados conforme a importância social do morto.

É importante ressaltar que o Cemitério Vera Cruz não tinha a mesma área de abrangência na época de sua inauguração. As primeiras ampliações são datadas por volta da década de 1950, sendo necessário um estudo aprofundado e específico sobre os acréscimos territoriais ao espaço, o que vem sendo realizado por pesquisadores vinculados ao projeto Museu a Céu Aberto.

Em relação aos Códigos de Posturas do município de Passo Fundo, o código de 1904, dois anos após a inauguração do Cemitério Vera Cruz, dedica 11 artigos ao espaço de enterro. Nele figuram artigos que se ocupam da direção e administração dos cemitérios da cidade, bem como “proíbe a criação de cemitérios particulares, sujeitando os infratores multa e demolição das construções” (OLIVEIRA; SILVA; GASPARELLO, 2018, p. 85), além de garantir livre acesso ao espaço do cemitério, conquanto os visitantes se portassem de modo respeitoso, apontando também a necessidade de cercamento desses espaços.

Em 1950, fez-se necessário um novo Código, no qual os cemitérios são tratados como espaços seculares administrados pelo município, ao mesmo tempo em que “os cemitérios pertencentes a particulares, irmandades, confrarias, ordens ou congregações religiosas e hospitais, são sujeitos à fiscalização municipal e sua criação só será permitida mediante ato expresso do Município” (Artigo 471, Parágrafo único)⁷. Percebe-se que “ao longo dos anos os códigos sofreram uma redução em níveis de artigos e capítulos” (OLIVEIRA; SILVA; GASPARELLO, 2018, p. 87) relacionados ao cemitério. Entretanto, há pouca mudança na essência das leis em relação aos espaços de enterro do município, sendo atualmente responsabilidade do Setor de Serviços Gerais da prefeitura fazer a manutenção dos cemitérios.

Os cemitérios, na maioria das vezes, não são tomados como patrimônio cultural. Nesse sentido, deve-se ter em mente que

a valorização de bens culturais perpassa pelo seu reconhecimento e pela sua (re)significação individual e coletiva. Ante uma sociedade cada vez mais marcada pelas mudanças rápidas e contínuas, a consequente necessidade de resguardar elementos de memória, tradição e história,

a constituição – proposital ou não – de lugares evocativos à lembrança pessoal, grupal, familiar, etc., é uma realidade cada vez mais presente (CARVALHO et al., 2018, p. 275).

Trabalhar com preservação patrimonial cemiterial envolve, antes de mais nada, ter a noção de que a permanência de determinados monumentos é incerta, uma vez que estes estão suscetíveis a destruição por, pelo menos, dois motivos: a modernização e ampliação dos centros, que dificulta a manutenção de um monumento e a dificuldade de compreensão do espaço cemiterial enquanto espaço também de patrimônio. Em adição, o desconhecimento de o que é um monumento e por que preserva-se o patrimônio também os coloca em risco, sendo importante salientar que os cemitérios só foram relacionados ao Patrimônio Histórico Nacional em 1970 (BORGES, 2002). Assim, é importante explicitar que esses monumentos possuem um valor simbólico que é atribuído pela memória coletiva, relacionando-se com o presente e com a sociedade pelo seu fim, tanto simbólico quanto funcional.

Elisiana Trilha Castro afirma que “existem várias formas de se ver uma cidade e uma destas é por meio do que nelas se preserva” (2010, p. 1). Assim, pode-se compreender o espaço cemiterial enquanto lugar encarregado de preservar as memórias de uma sociedade, tendo em si toda uma gama de significados e vivências, as quais são valorizadas e consagradas por meio do estudo do patrimônio cultural.

Os cemitérios, enquanto espaços portadores de discursos sobre o indivíduo e sobre a sociedade, passam a integrar o rol de definição de patrimônio de uma cidade. A organização espacial e os monumentos encontrados no local de enterro demonstram o mito da morte igualitária, sendo possível observar nos cemitérios o reflexo de distinção social dos vivos. Desse modo, ao estudar uma sociedade específica, é importante estudar como se morre e quais os discursos desta sobre seus mortos. Estes lugares, “dotados de um tempo de relações históricas” (CASTRO, 2008, p. 15), são produtos da experiência humana, fundamentais para a construção de laços sociais.

Entretanto, em muitas cidades, vê-se uma política de conservação que não é capaz de integrar a mesma com o desenvolvimento, as quais “destroem os laços locais, expulsam a população e geram intensa gentrificação nas áreas que querem conservar” (CASTRIOTA, 2007, p. 12), tudo em nome da revitalização econômica. Ao longo da história, muitas foram as teorias que pautaram a intervenção, ou não, no patrimônio histórico e cultural, desde uma limpeza em nome do progresso a uma necessidade quase romântica de recuperar ou imitar um passado longínquo. Atualmente, as linhas de pensamento em patrimônio seguiriam as perspectivas de Lewis Mumford, Aldo Rossi e Solá-Morales. Para Mumford, “um dos principais atributos de

um ambiente urbano reside na sua capacidade de renovação”, ao mesmo tempo em que a noção moderna de monumento é uma “contradição por se afastar da renovação e se desenquadrar das necessidades contemporâneas vitais” (VAZ, 2009, p. 34). Segundo Vaz (2009), Mumford salientaria que a questão do monumento é como responder às necessidades do hoje e das gerações futuras, não cultivar a imortalidade. Rossi distingue dois elementos na cidade: “a área habitacional e urbana que forma a história e a ideia de cidade, e os monumentos como pontos fixos desta dinâmica em torno dos quais se agregam os restantes edifícios” (VAZ, 2009, p. 36), sendo que o fenômeno de transformação das cidades, que se acentua a cada dia, está ligado à decadência de certas zonas citadinas (VAZ, 2009). Solá-Morales defende que, atualmente, é necessário responder perante o monumento com “uma proposta sensível e realista, incorporando todos ensinamentos e teorias desenvolvidos ao longo do tempo” (VAZ, 2009, p. 36). Considerações feitas, a prática de intervenção hoje é diversa, em todos os âmbitos em que se insere, sendo preciso haver um diálogo entre passado e presente, entre a memória e entre o projeto de intervenção.

Durante o tempo de pesquisa deste trabalho, foram mapeadas algumas intervenções em túmulos específicos. Em sua maioria, os túmulos que conheceram estas intervenções são de pessoas da elite passo-fundense, que estão em um lugar de certo prestígio em relação à história do município. O cemitério, como já mencionado, foi inaugurado em 1902, o que quer dizer que alguns túmulos que ali se encontram não são os túmulos originais, uma vez que há datas de falecimento anteriores à construção do cemitério. De qualquer forma, estes foram os túmulos que ficaram conhecidos pelos habitantes da cidade e os túmulos que permeiam a coletividade. Uma segunda consideração a ser feita é em relação às modificações estéticas pelas quais alguns túmulos passaram. Por exemplo, o modo de conservação, ou seja, a forma como se cuida desse patrimônio. Produtos químicos e técnicas de limpeza utilizados para a manutenção por parte de familiares ou funcionários do cemitério pode causar do desgaste ou deterioração do monumento, assim como a falta de cuidado, como se vê em alguns túmulos cujas rachaduras encontram-se repletas de pequenas plantas. Outro fator que altera o monumento é a pintura, processo pelo qual grande parte dos jazigos passa, especialmente na preparação para o feriado de finados.

No decorrer da pesquisa, as intervenções nos fizeram questionar o impacto da descaracterização do patrimônio cemiterial na identificação social, uma vez que muitos túmulos do cemitério Vera Cruz possuem significados que extrapolam o âmbito familiar. Informações

obtidas no transcorrer do trabalho apontam que as intervenções nos túmulos são feitas por pessoas que realmente acreditam estar trabalhando em prol da conservação e divulgação do cemitério enquanto lugar de história. Entretanto, o trabalho de recuperação ou restauração de um patrimônio deve vir acompanhado de planejamento, levando em consideração os aspectos importantes para a coletividade mas também para a fidelidade das intenções na construção do monumento. Para exemplificar as intervenções que motivaram essa investigação apresenta-se imagens de dois túmulos distintos (Figuras 1 e 2)⁸. Na primeira visita da autora ao Cemitério Vera Cruz o primeiro túmulo ainda mantinha as características antigas. Na segunda visita - primeiro semestre de 2018 -, o túmulo se encontrava pintado na cor azul e a alegoria que o acompanha, prateada. Ao mesmo tempo, o segundo túmulo, cuja alegoria e disposição tumular são idênticas às do primeiro, não receberam intervenção de nenhum tipo. Este tratamento diferente dispensado a cada monumento foram uma fagulha para o início da pesquisa.

Imagem 01 e 2 – Exemplificação de intervenção em túmulo do Cemitério Vera Cruz, Passo Fundo/RS.



À esquerda, o túmulo que passou por intervenções. À direita, o túmulo que não as conheceu. Nota-se que as alegorias e as disposições tumulares são idênticas. Fonte: acervo pessoal da autora, imagens de 2019.

Refletindo sobre esses questionamentos, acredita-se que a restauração dos monumentos funerários do cemitério Vera Cruz é necessária. Entretanto, o que realmente

importa é o modo como aconteceria essa restauração, ou interferência. O que se deve prezar, concordando com Vaz, é que

se existe algo a valorizar, terá de ser aquilo que já lá se encontra e que ao longo dos anos foi adquirindo um valor per se, para a sociedade e que acabou por lhe valer a classificação de ‘monumento’ ou de ‘interesse público’. Por mais deteriorado que esteja o objeto a recuperar, o valor está-lhe implícito, e tudo o que for acrescentado terá de ser realizado com maestria, mas subjugado ao que já existe, sem subverter a sua ‘imagem’ e o seu significado cultural para a coletividade (2009, p. 131).

No contexto contemporâneo, a ligação com o patrimônio e com a memória social parece diminuir. A rapidez com que o tempo agora passa obriga que o foco dos seres humanos seja no hoje, no presente. Ao mesmo tempo em que “a memória coletiva de um povo, de uma cultura, de uma religião ou de um tempo é, afinal de contas, o registro e a força da sua identidade” (VAZ, 2009, p. 145), questiona-se a necessidade de tudo manter, de tudo preservar. Obviamente é impossível que tudo se preserve, visto a expansão dos centros habitacionais e o aumento populacional. O espaço, nesse sentido, é a questão. Dessa forma, seleciona-se o que se quer manter. No âmbito cemiterial, torna-se mais complicado intervir, uma vez que além dos elementos característicos de um patrimônio, envolve-se também o fator emocional próprio da família do sepultado. Assim sendo, coloca-se como extremamente necessária a participação não só da comunidade no planejamento de restauração de um patrimônio funerário e na manutenção desse museu a céu aberto que é o Cemitério Vera Cruz, mas especialmente da família e de profissionais qualificados para estes procedimentos⁹.

Considerações Finais

No âmbito da morte, os cemitérios inauguram lugares de memória. Essas memórias são fator de identificação coletiva, familiar ou individual, representadas simbolicamente para traduzir a realidade. A partir desses pressupostos, confere-se ao espaço cemiterial a designação de museu a céu aberto, cuja patrimonialização e preservação são significativos para as experiências de uma comunidade. O principal objetivo deste trabalho foi discutir a preservação patrimonial do conjunto de túmulos do cemitério Vera Cruz, bem como as intervenções que o mesmo sofre. A inauguração deste novo cemitério, em 1902, representa a modernização pela qual Passo Fundo passou e que possibilitou maior integração da região com o âmbito nacional.

Nota-se que grande parte dos túmulos que possuem ornamentação com estatuária são das três primeiras décadas do século XX, momento em que, como afirmou Bellomo (2008), a burguesia em ascensão buscava consolidação como classe dominante. Os valores sociais

encontravam-se representados no cemitério por meio da arte funerária. Foi no decorrer do século XX que essas relações se alteraram. As cidades se tornam mais populosas, assim como os cemitérios. Não há mais espaço para túmulos individuais repletos de alegorias e símbolos. Estes já não significam mais o que significaram, sendo modificado o culto às sepulturas.

Nesse sentido, alguns autores colocam as ações da modernidade, ou pós-modernidade, como de deslocamento da memória, implicando em crises de identificações. Em contraponto, “queremos tudo abraçar de nosso passado e sem dúvida prestamos mais atenção do que antes ao que já foi perdido” (CANDAU, 2012, p. 189).

Se o patrimônio auxilia na construção da identificação e da memória, torna-se necessário perceber que “deseja-se museificar, mas mantendo vivo, ou melhor, revitalizar reabilitando” (HARTOG, 2006, p. 268). Escolhe-se, então, “uma história, que se torna a história, a da cidade ou do bairro: história inventada, reinventada ou exumada [...]” (HARTOG, 2006, p. 268).

Assim, consideramos que intervenções são importantes para a manutenção e preservação tanto do patrimônio em si quanto de seu conteúdo simbólico e representativo. As intervenções às quais os túmulos do cemitério Vera Cruz vêm sendo submetidas demonstram que os túmulos possuem relevância, se não para toda comunidade, para uma parte dela, e que eles merecem a devida atenção. Esta demanda por um olhar historiador para o Cemitério Vera Cruz vem sendo atendida nos últimos anos pelo Projeto Museu a Céu Aberto. Também consideramos interessante a manutenção de blogs sobre os sujeitos enterrados no cemitério Vera Cruz, atualmente feitos a partir do senso comum e da perspectiva de um único indivíduo, o Sr. Alceu. Acreditamos que seja uma iniciativa conveniente, desde que seja feita a partir de pesquisa histórica, com base em dados históricos dos sujeitos sobre quem se quer escrever. Essas iniciativas potencializam a valorização do patrimônio histórico, cultural e artístico do Cemitério Vera Cruz.

Referências bibliográficas

BELLOMO, Harry Rodrigues. A arte funerária. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Páginas 13-22.

_____. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: _____. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008b. Páginas 23-38.

_____. As origens da arte funerária. In: _____. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008c. Páginas 39-60.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto / Funerary Art in Brazil (1890-1930): Italian Marble Carver Craft in Ribeirão Preto*. Tradução: Ana Paula Caiado Machado. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

_____. *Arte funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira*. XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte. 2002b. 20 p.

_____; CARNEIRO, Maristela. *A estatuária funerária no Brasil: um olhar indagador sobre as imagens de Jesus Cristo nos cemitérios brasileiros*. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 9, n. 27, p. 151-170, jan./abril, 2017

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CARNEIRO, Maristela. "Quando o silêncio se rompe": Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa (1881-2007). *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*. v. 1, n. 1, p. 167-177, jan./jul. 2010.

CARVALHO, Djiovan et al. Cultura, memória e história em foco: "Cemitério Vera Cruz: Museu a Céu Aberto". In: MIRANDA, Fernando; ZANOTTO, Gizele (Org.). *A morte não é o fim: culturas e identidades no cemitério Vera Cruz*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018. Páginas 275-285.

_____; GASPAS, Waleska. Memória, História, Política e Patrimônio: Cemitério Vera Cruz, um museu a céu aberto. IN: ZANOTTO, Gizele (Org.). *Anais do V Simpósio do GT História das Religiões e Religiosidades Regional Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) - ANPUH*. ISSN 2359-6996. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo/RS. 2017. Páginas 161-172.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. *História e arte funerária dos cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014)*. Tese (Doutorado em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte). Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas. *Fórum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável*, v. 1, n. 1, Belo Horizonte, set./dez. 2007.

CASTRO, Elisiana Trilha. Cemitérios, nosso patrimônio nacional: a ação do IPHAN com relação ao patrimônio brasileiro. In: *Anais do III Encontro nacional da ABEC*, 2010, Piracicaba. Disponível em: <https://elisianacastro.files.wordpress.com/2009/06/artigo-elisiana-abec-2010-patrimonio-funerario-iphan.pdf>.

_____. *Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008)*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade). Centro Tecnológico. Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. 94 p.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In: _____. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Páginas 97-112.

FERREIRA, Mariluci Melo; SIQUEIRA, Rosimar Serena. O contexto econômico e político de Passo Fundo do século XIX à década de 1930. In: DIEHL, Astor Antônio. *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. Páginas 63-87.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia Historia*. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Cemitérios e modernização urbana. In: _____. *A morte não é o fim: culturas e identidades no Cemitério Vera Cruz*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018. Páginas 53-65.

_____. Patrimônio histórico e transformações sociais em Passo Fundo. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2011. Páginas 13-37.

LEITE, Daniel Teixeira Meirelles. Alegorias nos cemitérios do Rio Grande do Sul. In: _____. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Páginas 113-122.

MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 55-80, jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, Áxsel Batistella de; SILVA, Caroline da; GASPARG, Waleska. “Regulando as mortes”: os cemitérios e os sepultamentos nos códigos de posturas municipais de Passo Fundo (1884-1950). In: _____. *A morte não é o fim: culturas e identidades no Cemitério Vera Cruz*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018. Páginas 81-89.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VAZ, Raquel Maria Filipe Álvares Guedes. *Patrimônio: intervir ou interferir?* Sta. Marinha da Costa e Sta. Maria do Bouro. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitetura. Coimbra. 2009.

WICKERT, Ana Paula. Patrimônio ferroviário em Passo Fundo: do apogeu ao abandono In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2011. Páginas 39-74.

ZANOTTO, Gizele. Espaços cemiteriais em evidência: de lugar de lembrança a local de conhecimento. In: ZANOTTO, Gizele (org.); MACHADO, Ironita Policarpo (org.). *Momento Patrimônio: volume III*. Erechim: Graffoluz, 2015. Coleção Memória e Cultura – NEMEC. Páginas 31-47.

Submetido em: 22/10/2020

Aprovado em: 26/11/2020

Publicado: 08/12/2020

¹ Este artigo é proveniente da monografia de conclusão de curso da autora, intitulada “*Nós que aqui estamos por vós esperamos*”: estudo sobre a conservação do patrimônio histórico no Cemitério Vera Cruz, Passo Fundo/RS, apresentada à disciplina de Métodos e Práticas de Pesquisa Histórica III do curso de História da Universidade de Passo Fundo em dezembro de 2019, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Jacqueline Ahlert.

² Mestranda em História do PPGH UPF, Bolsista Proscuc Capes

³ Este símbolo se apresenta em grande parte dos campos santos enquanto indicação de fé na vida eterna (DALMÁZ, 2008).

⁴ O ramo de palma pode ter dupla representação. Significa ao mesmo tempo “o sofrimento ou o martírio, por causa da morte, e [...] a vitória e a glória de se alcançar o reino dos céus” (DALMÁZ, 2008, p. 102).

⁵ As flores, especialmente as rosas, podem significar, no ideário cristão, o renascimento místico de Cristo. Entretanto, assumem segundos significados, como o amor divino e a virgindade feminina, caracterizando como um símbolo da Virgem Maria. Já a coroa de flores tem o papel de representar a salvação alcançada. Ainda, segundo Dalmáz (2008), pode simbolizar saudade e fé. As papoulas, segundo Leite (2008), simbolizam o sono eterno.

⁶ Ver mais sobre as definições tipológicas em: AHLERT, Jacqueline. Representações simbólicas e alegóricas no Cemitério Vera Cruz. In: MIRANDA, Fernando; ZANOTTO, Gizele (Org.). **A morte não é o fim: culturas e identidades no cemitério Vera Cruz**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018. Páginas 93-108.

BELLOMO, Harry Rodrigues. A arte funerária. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Páginas 13-22.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto / Funerary Art in Brazil (1890-1930): Italian Marble Carver Craft in Ribeirão Preto**. Tradução: Ana Paula Caiado Machado. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

⁷ MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO. Lei nº 164 de 12 de junho de 1950. **Código de Posturas**. 1950. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/codigo-de-posturas-passo-fundo-rs>. Acesso em: 18 Dezembro 2019.

⁸ Os nomes dos sepultados foram mantidos ocultos em respeito à privacidade dos familiares.

⁹ Importante ressaltar que, atualmente, as principais modificações são feitas pelo sr. Alceu. Alceu é uma folha em um galho num dos maiores troncos familiares de Passo Fundo, tendo muitos parentes relevantes para a história de Passo Fundo enterrados no Vera Cruz. Suas atividades interventivas consistem, em grande maioria, na pintura de túmulos e jazigos, realocação de objetos, colocação de placas biográficas informativas em túmulos específicos e QR Codes que direcionam o visitante à blogs que o sr. Alceu mantém sobre os personagens da história passo-fundense.